

Empresas criam políticas antiestresse

A sede da IBM, no Rio, dedicou a semana passada ao estresse. Além de palestras, encontros e da distribuição de publicações sobre o assunto, a empresa organizou uma feira antiestresse no restaurante dos funcionários, com direito a evocações mitológicas e modelos sólidos de células saudáveis e "estressadas". A razão de tanta preocupação? A IBM, como diversas outras grandes empresas do país, já percebeu — e há algum tempo — que essa palavrinha sibilante representa uma grave ameaça de envenenamento do seu quadro de funcionários e, por tabela, da sua produtividade.

— Um dos grandes problemas dos nossos tempos é que o nosso trabalho é cada dia mais abstrato. O que importa agora não é tanto o resultado final do nosso trabalho, sobre o qual temos cada vez menos controle, e sim o que as diversas pessoas ao nosso redor pensam de nós e do nosso desempenho. Isso provoca uma

incrível ansiedade — explica o médico Douglas Bauk, gerente de estratégia de saúde ocupacional da IBM.

A empresa não tem dúvidas: a tensão provocada pelas relações interpessoais no trabalho é, certamente, a principal fonte de estresse. Daí, o espaço que abre, na sua política antiestresse, a terapias como a análise transaccional. E as receitas são curiosas. Não engolir sapos, por exemplo. Os médicos da IBM recomendam aos seus funcionários que, na medida do possível, evitem esse tipo de comportamento, considerado autodestrutivo, e expressem suas emoções — sempre, é claro, de maneira conveniente.

As grandes empresas, também dentro dessa política de combate ao estresse, estão estimulando os seus funcionários a se exercitarem — a IBM, por exemplo, paga US\$ 20, a título de incentivo, a todo funcionário que fizer algum esporte pelo menos três vezes por semana.